



# **UNIDADE DIDÁTICA**

**INSENSIBILIDADE, ESPETACULARIZAÇÃO E BANALIZAÇÃO DA  
TRAGÉDIA EM CONTOS: PRÁTICAS DE LEITURA E  
INTERPRETAÇÃO NO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Sidnei Luiz Flach

Orientadora: Profa. Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira

SIDNEI LUIZ FLACH

**INSENSIBILIDADE, ESPETACULARIZAÇÃO E BANALIZAÇÃO DO  
SOFRIMENTO EM CONTOS: PRÁTICAS DE LEITURA E  
INTERPRETAÇÃO NO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Material elaborado como parte integrante da Dissertação Insensibilidade, espetacularização e banalização do sofrimento em contos: práticas de leitura e interpretação no nono ano do Ensino Fundamental, defendida no ano de 2024, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), constituindo proposta de produção de material didático para o Ensino Fundamental, em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) – rede nacional.

**Linha de ação:** Estudos literários

**Orientadora:** Profa. Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira

CASCADEL

2024

## SUMÁRIO

<b>CAPA DA UNIDADE DIDÁTICA.....</b>	<b>3</b>
<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>Módulo I.....</b>	<b>5</b>
<b>Módulo II.....</b>	<b>12</b>
<b>Módulo III.....</b>	<b>17</b>
<b>Módulo IV.....</b>	<b>22</b>
<b>Módulo V.....</b>	<b>27</b>
<b>Módulo VI.....</b>	<b>36</b>
<b>Produção final .....</b>	<b>42</b>
<b>CONSIDERAÇÕES E SUGESTÕES .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>44</b>

UNIDADE DIDÁTICA  
CONTOS SOBRE A  
INSENSIBILIDADE  
HUMANA:  
ENCAMINHAMENTOS DE LEITURA  
E COMPREENSÃO



SIDNEI LUIZ FLACH

Orientadora: Profa. Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira

# Apresentação

## Prezada Professora/Prezado Professor:

A presente proposta de Unidade Didática, resultado de reflexões desenvolvidas no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), direcionada ao nono ano do Ensino Fundamental, está dividida em seis módulos, cada qual com previsão de duração de cinco horas-aula. Cada módulo apresenta sugestões de encaminhamentos de leitura e interpretação divididos em três momentos: Antes, Durante e Após a leitura, além de um breve resumo, acrescido de alguns comentários em relação a cada um dos seis contos selecionados e, ao final dos módulos, propomos a produção de um conto pelos discentes a partir da temática e das reflexões sobre o gênero que perpassam a U. D.

Os contos que compõem esta Unidade Didática foram escolhidos em virtude da temática que apresentam: a insensibilidade nas relações humanas. Buscamos ordenar os contos sob uma perspectiva que aborde os de léxico e enredo mais simples aos mais complexos. Desse modo, os módulos 1, 2 e 3 contemplarão os contos de Luiz Vilela: *O monstro*, *Amanhã eu volto* e *O suicida*, respectivamente; o módulo 4, o conto *Uma vela para Dario*, de Dalton Trevisan; o módulo 5, *Colinas como elefantes brancos*, de Ernest Hemingway; e o módulo 6, *Angústia*, de Anton Tchekhov.

Os encaminhamentos de compreensão leitora se embasam, sobretudo, nos conceitos de Kleiman (1989, 2002) e Solé (2014), além de Jauss (1979), Iser (1999) e Eco (1994) e objetivam, a partir de uma melhor compreensão do gênero conto e da temática da insensibilidade, um aluno-leitor ativo, que compreenda, ressignifique e transforme o texto e se permita também ser modificado por ele.

Com este material pretendemos contribuir com a melhoria do ensino de literatura no Ensino Fundamental. Destacamos que o material pode ser replicado ou adaptado a diferentes realidades pedagógicas, em cada contexto de ensino e aprendizagem.

*Boa leitura e bom trabalho!*

# MÓDULO 1: O MONSTRO, DE LUIZ VILELA



Carga horária: 05 horas/aula

Material: Cópia do conto *O monstro*,  
de Luiz Vilela

## Começando a conversa

Um aspecto presente na escola, que inevitavelmente reflete a sociedade em que estamos inseridos, é a insensibilidade que permeia as relações humanas. O sofrimento alheio enquanto espetáculo, tão comum nos vídeos, nos filmes, nas páginas pessoais e coletivas que circulam e infestam a rede virtual de relação/interação social. A falta de empatia, a violência física e psicológica tornada corriqueira acaba sendo assimilada como algo comum e aceitável, desde que não nos afete diretamente. Essas manifestações de insensibilidade se farão presentes nos contos que leremos nesta Unidade Didática. O primeiro será o conto *O monstro*, do escritor mineiro Luiz Vilela.

### Encaminhamentos antes da leitura:

- Faça previsões a respeito do título *O monstro*:

1. O que você imagina ser este monstro? O que a palavra monstro provoca em você?
2. Quais características atribuímos a monstros?
3. Se for humano, que descrições físicas e psicológicas poderiam ser a ele agregadas?
4. O texto que leremos é um conto. Quais as características desse gênero narrativo?



Professor (a), antes de os alunos lerem o conto, faça alguns encaminhamentos anteriores à leitura, trabalhando previsões a respeito do título, do gênero textual a que pertence e outros aspectos que julgar pertinentes para a ampliação de horizontes do aluno e para verificar em que medida todas essas antecipações poderão ser confirmadas ou não ao final da leitura. Sugere-se que a leitura seja feita em material impresso disponibilizado aos alunos pelo(a) professor(a).

### Para conhecer mais...

As origens do conto, ainda que não possam ser reconhecidas de modo preciso, remetem ao ser humano primitivo, que sentiu a necessidade de tentar relatar oral e gestualmente suas façanhas aos semelhantes, seja uma caçada, um relâmpago, em longas caminhadas pelo deserto ou diante de um fenômeno desconhecido. Todos os povos e culturas que conhecemos, letrados ou não, contam histórias.

## Continuando a conversa

Etimologicamente a palavra conto deriva do latim *computu*, cálculo, conta, e é possível que o fato de enumerar objetos tenha dado origem à narração, como afirma Moisés (2006, p.30) “Na Idade Média, significou inicialmente ‘enumeração de objetos’, passando com o tempo a ‘resenha ou descrição de acontecimentos’, ‘relato’, ‘relato de coisas verdadeiras’, ‘enumeração de acontecimentos’, ‘narrativa’.” Além disso, é possível relacionar a acepção de conta, no sentido matemático, por seu caráter de rigor e precisão.

O conto, assim como o romance, a fábula e a novela, são gêneros que fazem parte da tipologia narrativa. Partilham, portanto, da mesma estrutura, como a presença de um narrador, personagens, tempo, espaço e conflito. Mas o que é, afinal, uma narrativa?

As narrativas são retratos/fotografias/figuração de uma ação/reação dos seres humanos no mundo, ou de várias ações/reações dos seres humanos no mundo. Olhe para um retrato de uma pessoa que está ausente e perceba que um retrato/imagem/fotografia é a presença de uma ausência, isto é, está no lugar do ser que ela copiou. A narrativa é a tipologia textual que temos para falar de uma ação/reação das pessoas e dos seres vivos. Falamos, lemos e escrevemos narrativas na maior parte do tempo de nossas vidas (Corbari; Oliveira; Sella, 2020).

### Encaminhamentos durante a leitura:



Que tal ler os três primeiros parágrafos do conto para fazermos algumas antecipações?

5. Qual a situação inicial que esta narrativa apresenta?
6. Quais suas previsões sobre a ação e resolução deste conto?
7. Qual a função das aspas presentes na palavra “monstro”?
8. Utilizando o contexto, qual o significado das palavras *aterrara*, *facínora* e *fremir*?
9. Quais características geralmente atribuímos a um ser humano para taxá-lo de monstro? Que crimes teria cometido?
10. Você considera comum uma multidão se reunir diante de um episódio como este? Qual será a real intenção destas pessoas?
11. O que acontecerá com este “monstro” no decorrer da narrativa?

Este é o momento do reconhecimento do conto, ou seja, após realizada a leitura pelos alunos, o(a) professor(a) a retoma, questionando os discentes quanto à compreensão e possíveis dificuldades ou lacunas. É fundamental incentivar os alunos a prestarem atenção na reação das pessoas que estão presentes na “entrevista” que se realiza. Uma estratégia é proceder à leitura dos três primeiros parágrafos do texto e, em seguida, realizar com os alunos previsões sobre o conto, além de esclarecer possíveis dúvidas. É importante lembrar que as previsões não precisam, necessariamente, se comprovar no decorrer da leitura, mas devem ser corroborados pelo texto.

Agora, é hora de realizar a leitura do conto na íntegra, para verificar como o comportamento de insensibilidade das personagens se apresenta. Não se esqueça de que os sentidos de um texto podem ser diversos, no entanto, para serem válidos, precisam ser coerentes com a narrativa.

## Ampliando a conversa

Você sabia que um texto literário não deve dizer tudo? Esta é uma das características que deixa a narrativa tão instigante: o fato de permitir que você, leitor, preencha os vazios deixados pelo autor.

Imaginemos o parágrafo inicial: como era este prédio? Quantos andares? A multidão não é descrita, seriam dezenas, centenas? Como eram estes rádios a pilha? Estariam nos ombros, aos ouvidos? Esse “monstro” seria um ser geneticamente modificado? Quantos soldados havia? Como estavam trajados? Usavam capacetes ou bonés?

Poderíamos seguir por muitas linhas ainda e não esgotaríamos as possibilidades deste parágrafo inicial. Isso nos dá ideia de como os textos literários são ricos, plurissignificativos, exigem uma postura ativa do leitor.

Realizada a leitura integral do conto, é agora o momento de verificar se as previsões e objetivos da leitura se confirmaram!

Professor(a), o leitor proficiente é o que tem objetivos de leitura claros e que confirma ou refuta as previsões no momento da leitura. Como afirma Isabel Solé (2014), o encadeamento do tema, ideias principais e elaboração de resumo são práticas interessantes a serem realizadas. Não podemos esquecer que almejamos um leitor ativo, que ressignifique o texto que lê. No resumo, que não apenas reproduza mecanicamente o que leu, mas transforme este conhecimento, confrontando o texto com suas vivências sociais e experiências de leituras prévias. Como afirma Eco (1994), o texto é um mecanismo preguiçoso, ou seja, exige a participação do leitor para preencher as lacunas que existem. O texto nunca diz tudo, seria impossível que assim fosse (e nem desejável). É isso que faz o texto literário tão instigante: convida o leitor a preencher todos os vazios (Iser, 1999), e há muitos.

## Encaminhamentos após a leitura:



12. Suas previsões acerca do título “O monstro” se confirmaram ou foram refutadas?
13. De que forma o espaço é descrito? Como contribui para o desenvolvimento da narrativa?
14. Nas narrativas podemos ter a presença de um final fechado, ou seja, em que todas as questões levantadas na trama são respondidas, ou um final aberto, em que cabe ao leitor preencher detalhes do desfecho, que a narrativa não responde. O conto lido possui um final aberto ou fechado? Justifique e exemplifique.
15. Podemos afirmar que o conto apresenta a insensibilidade como tema. Analise o comportamento do capitão e dos jornalistas. Qual é a preocupação central deles no conto?
16. “A imprensa, em sua maioria, é sensacionalista, ou seja, busca fatos que choquem a opinião pública, muitas vezes exagerando ou até sendo tendenciosa.” Você concorda com essa opinião? Exemplifique.
17. Em algum momento, alguém entre os presentes demonstra sentimentos de empatia com o preso, ou seja, tenta se colocar em seu lugar, entender as reais causas, questionar se é realmente culpado das acusações?
18. Retire do conto as situações em que há risos, ou dos repórteres, ou do capitão. Analise esses trechos e responda: analisando o contexto, o riso se justifica?

O conto que você leu se baseia no episódio de Orlando Sabino, preso como responsável por uma série de assassinatos na região do Triângulo Mineiro, em 1972.

Sobre os espaços vazios do texto, Umberto Eco (1994) os define como os bosques da ficção, pelas inúmeras possibilidades a serem trilhadas, seja por leitores diferentes, seja pelo mesmo leitor numa possível releitura. O momento após a leitura, como afirma Isabel Solé (2014), deve visar a identificação do tema e ideias principais do texto, elaboração de resumo e formulação e resposta de perguntas. O importante é que o aluno possa assumir seu papel de coautoria do texto, tendo a liberdade de explorar as possibilidades que o texto permite. Todas as atividades devem visar à construção do sentido do texto. Desse modo, sejam atividades de identificação de elementos da narrativa, atividades gramaticais, resumos ou reescritas, devem ser propostas com esse objetivo. Buscaremos, também, sensibilizar os alunos por meio da análise do comportamento das pessoas no conto, relacionando-os com os da nossa sociedade.



## A história que antecede a história:

Orlando Sabino foi um andarilho com problemas mentais, negro, sem familiares, sem trabalho, que viveu no Pontal do Triângulo Mineiro. Sua história é hoje reconhecida como um dos mais notáveis casos de mascaramento da recente e nada glamorosa história do país. Há fortes indícios de que Orlando Sabino foi preso pelos militares e acusado de ser o “monstro de Capinópolis” para ocultar uma operação anti-guerrilha na região, versão construída devido aos vários assassinatos ocorridos em um curto espaço de tempo em sete cidades de Minas Gerais e Goiás e que espalharam pânico pela região.

Para justificar a presença massiva de militares na região, que tinham o verdadeiro intuito de exterminar o exército guerrilheiro comandado por Carlos Marighella, espalhou-se a notícia de que haveria um “monstro” à solta na região do Pontal do Triângulo Mineiro cometendo esses crimes. Hoje, exames de perícia provam que algumas das supostas vítimas de Sabino foram assassinadas com armas de uso exclusivo dos militares. Depois de preso, Orlando Sabino ficou trinta e sete anos internado em uma instituição psiquiátrica judiciária em Barbacena (MG), sendo solto em 2011. Sabino faleceu em 2013, após sofrer um infarto, quando vivia em uma casa de repouso para deficientes mentais na mesma cidade.



Professor(a), recomendamos a leitura constante no link <http://gpluizvilela.blogspot.com/2016/04/episodio-orlando-sabino-inspirou-conto.html> que questiona a versão oficial do “monstro” que inspirou o conto.

Disponível em: <http://gpluizvilela.blogspot.com/2016/04/episodio-orlando-sabino-inspirou-conto.html>

A partir da leitura do relato, responda aos seguintes questionamentos:

19. Sabendo destes fatos, numa releitura, sua visão sobre o “monstro” diferiria? Quem seria o real “monstro”? Comente.
20. Considerando que a personagem central seja inocente e que, após muitos anos em uma instituição psiquiátrica, foi liberto e faleceu em 2013, percebemos não haver como reparar o mal que se realizou contra este. No entanto, diante destes fatos, sugira meios para evitar que tais eventos possam se repetir.
21. Vivemos em uma época em que há uma intensa disseminação de *Fake News*. O que devemos fazer para evitá-las?

## Sintetizando a conversa

### Síntese do conto:



Narrado pela perspectiva de um narrador observador, a narrativa retrata a prisão de um homem que “aterrara a região com seus crimes bárbaros e misteriosos e que, por fim, após longas buscas, havia sido capturado”. Uma multidão aguarda diante de um velho prédio, acompanhando em seus radinhos a pilha o desenlace da história. Dentro do prédio, numa sala abafada com o calor e pela fumaça dos cigarros, jornalistas vindos das principais capitais do país, além de soldados, aguardam a aparição do prisioneiro. Este surge escoltado por dois soldados. “Era um dia excepcional e ele precisava ir bonito”. Nas respostas, o preso se mostra inseguro e incapaz de dar respostas coerentes, dando indícios de limitações psíquicas. Os repórteres dirigem as perguntas ao capitão que, em seguida, as faz ao “monstro”. Pedem-lhe o nome, a idade, o local de nascimento, a filiação, o que roubara, quantas pessoas matara, como o fizera e se havia se arrependido. Muitas respostas causavam o riso, seja do capitão, ou dos repórteres: quando o preso revela gostar de açúcar, a incerteza da idade, quando revela ter feito “arte” com as mulheres, ou quando pede que tirem uma fotografia. O momento é marcado pelo sensacionalismo em torno do acontecimento, visto que não há intenções em compreender de fato o que acontecera. Após o preso revelar ter feito “arte” com as mulheres “No rosto do capitão, dessa vez, o sorriso foi mais forte que sua intenção de manter uma aparência impassível. Os jornalistas riam, houve um relaxamento geral em que todos, ali dentro, se sentiram bem e amigos”. Não há comoção pelo sofrimento cometido contra as mulheres e suas famílias, nem se questiona a culpa do preso. A preocupação é com a imagem ou com o impacto que a notícia causaria na venda dos jornais.

## Produzindo

- Agora você é a personagem central, o “Monstro” do conto. Você é inocente, mas tem limitações em se comunicar, suas ideias se confundem. Conte o episódio narrado no conto sob a perspectiva de um narrador protagonista.



MÓDULO 2:  
AMANHÃ EU VOLTO,  
DE LUIZ VILELA



Carga horária: 05 horas/aula

Material: Cópia do conto *Amanhã eu volto*,  
de Luiz Vilela

## Começando a conversa

No conto *O monstro*, pudemos perceber a reação das pessoas ante o que não consideram “normal”: um ser humano com limitações psíquicas. Na nossa sociedade, a condição de normalidade também é comumente atribuída à condição de ser jovem (ou poder vir a ser). O presente conto é, portanto, um convite à reflexão: Como costumamos tratar as pessoas idosas?

### Encaminhamentos antes da leitura:

1. Partindo do título do conto, elabore algumas previsões: o que você imagina ser o enredo do conto?
2. Quais elementos da narrativa encontramos no gênero conto?
3. Quais personagens estarão envolvidas? Qual o espaço em que o conto ocorrerá?



Agora, você fará a leitura dos quatro parágrafos iniciais. Em seguida, você e seu/sua professor(a) pensarão sobre os seguintes questionamentos:

4. O que podemos presumir do conto a partir da revelação do narrador “O ponteiro grande no três: quando chegar no nove, irei embora.”?
5. Nestes parágrafos são reveladas duas limitações físicas da senhora. Quais são e qual a importância que imaginam ter no decorrer do conto?

## Continuando a conversa

Também neste conto, você está convidado a refletir sobre como a insensibilidade e a indiferença se constroem na narrativa. Imagine que o "outro" poderia ser um de nós, um familiar, um colega, um amigo. No caso desta narrativa, que retrata as dificuldades de uma senhora de noventa anos, idosa, pense que um dia ela também teve a sua idade, possivelmente frequentou uma escola, teve amigos, sonhos e amores. Da mesma forma como você é jovem hoje, pode, um dia, estar na situação da avó do conto.



## Encaminhamentos durante e após a leitura:

Pense nos seguintes questionamentos a respeito do trecho:

*"...duas manchas esverdeadas - o que foram, um dia, os mais belos olhos da cidade".*

6. Seriam só os olhos ou se trata de uma relação metonímica, ou seja, refere-se à mais bela mulher da cidade? Você conhece outros exemplos de metonímia?

7. Suas previsões iniciais quanto ao título ou após a leitura dos parágrafos iniciais se confirmaram? Caso a resposta seja negativa, ainda assim, você considera que houve coerência no que havia previsto? Comente.



## Ampliando a conversa

8. No conto lido, temos a presença de um narrador personagem? Qual a importância disso para a narrativa?

9. Em que sentido as limitações físicas da avó contribuem para reforçar sua sensação de abandono?

10. Em nossa sociedade, como são tratadas as pessoas idosas? Como você trata seus avós ou pessoas idosas com as quais convive?

11. Realize uma pesquisa sobre o tratamento dispensado aos idosos em outras culturas, como no Japão e entre os povos Guarani.

12. No conto, o elemento tempo tem função primordial. Em quanto tempo a narrativa transcorre? Qual a função do relógio no desenvolvimento do enredo?

13. De que modo o espaço retratado no conto reforça a ideia de abandono da avó?

14. De forma simplificada, conto é uma narrativa breve, com personagens, tempo e espaço restritos. Relacione esta afirmação ao texto lido.

15. Ironicamente, a única pessoa que se preocupa com a avó é a empregada, que não possui laços sanguíneos com ela. O que você pensa sobre isso?

16. Percebemos, desde o início do conto, a pressa do narrador em ir embora. Levante hipóteses: por que ele foi visitá-la?

17. O que você entende do trecho: “Noventa anos: a brancura do cabelo já não tem mais idade”?

18. No conto anterior, *O monstro*, a personagem central é alvo de incompreensão e indiferença por não se enquadrar no que a sociedade rotula como normal. Poderíamos afirmar isso também em relação aos idosos? Comente.



Sintetizando a conversa

Síntese do conto:



Narrado sob a perspectiva de um narrador personagem, o conto retrata a visita realizada por este à sua avó de noventa anos. A narrativa se pauta no sentimento de solidão da avó e na insensibilidade do neto. Desde as primeiras linhas do conto, percebe-se a construção do efeito da indiferença, tal qual predito por Poe (1993), de que a busca de um efeito único deve ser o grande objetivo do contista, desde a primeira frase: tudo no conto deve convergir para tal. Desde a chegada do narrador, é o relógio que comanda a narrativa: “O ponteiro grande no três: quando chegar ao nove, irei embora”. A trama do conto é básica: a avó, com mobilidade limitada, praticamente surda e cega, queixa-se ao neto de seus problemas físicos e do abandono. Os demais netos parecem tê-la esquecido e os filhos estão sempre muito ocupados. As limitações físicas impedem-na de fazer atividades que antes lhe proporcionavam prazer: ouvir rádio, fazer crochê, visitar os amigos.

A descrição física da avó e do ambiente realizada pelo narrador corrobora a ideia de abandono. Enquanto a narrativa transcorre, o narrador olha novamente o relógio: “O ponteiro já está no sete”. A senhora prossegue relatando suas agruras, às quais o narrador responde vagamente. Quando o ponteiro chega ao nove, o narrador se levanta e a senhora o segura pelo braço, implorando para que não se vá, reforçando sua solidão e necessidade de companhia. O neto-narrador promete voltar no dia seguinte, mas ambos sabem que é mentira.

## Produzindo

- Coloque-se no lugar da velha senhora. Escreva uma carta a seus filhos, que não possuem tempo para você. Lembre-se do quanto você fez por eles, conte como você se sente, o que gostaria de ter e fazer no tempo de vida que lhe resta...



## MÓDULO 3: O SUICIDA, DE LUIZ VILELA



Carga horária: 05 horas/aula  
Material: Cópia do conto *O suicida*,  
de Luiz Vilela

## Começando a conversa

Neste módulo, continuaremos a tratar da insensibilidade que permeia as relações humanas, em que "o outro" se torna comumente uma espécie de objeto a ser usado e descartado. A amizade dura enquanto ela for útil a algum propósito. A dor do outro vira um espetáculo a ser apreciado. Essa cultura da indiferença tem consequências psíquicas e emocionais devastadoras.

### Encaminhamentos antes da leitura:

Vamos pensar um pouco sobre o título deste conto?



1. O que ele sugere?
2. Quais motivações poderia haver para o suposto suicídio? Elas seriam justificáveis?
3. Como as pessoas deveriam agir diante de ameaças de suicídio? (Não se esqueça de considerar que o "outro" poderia ser alguém próximo).

Ainda que o suposto suicídio seja o motor do enredo, é a reação das pessoas nosso objeto de reflexão para este conto. Por isso, que tal fazermos a leitura dos dois parágrafos iniciais para realizarmos algumas inferências?

Professor(a), é importante chamar a atenção dos alunos para o fato de que a dor do outro comumente vira um espetáculo a ser apreciado. "O outro, mesmo quando não se trata de um inimigo, só é visto como alguém para ser visto, e não como alguém (como nós) que também vê" (Sontag, 2003, p.197). Em *Diante da dor dos outros* (2003), Susan Sontag faz uma análise dos efeitos das imagens, sobretudo das fotografias, em tempos de guerra. Suas reflexões corroboram a ideia do sofrimento alheio enquanto espetáculo. Que somos pertencentes a "uma cultura em que o choque se tornou um estímulo primordial de consumo e uma fonte de valor" (Sontag, 2003, p.197). Para a autora, "Parece que a fome de imagens que mostram corpos em sofrimento é quase tão sôfrega quanto o desejo de imagens que mostram corpos nus" (Sontag, 2003, p. 109).

## Continuando a conversa

### Durante e após a leitura:

4. Ao ver várias pessoas reunidas, o narrador logo supõe ser um acidente. Por que as pessoas costumam se aglomerar em tais situações?

5. Neste início, temos duas versões para o fato de as pessoas estarem reunidas naquele local. O que você pensa sobre pessoas fazerem afirmações sem terem certezas?

6. A notícia do suicídio foi veiculada por uma emissora de rádio. Podemos confiar em tudo o que lemos e ouvimos nas redes sociais e meios de comunicação?

7. O que significa a expressão "... está aquele bolo"? Que outras expressões formais e informais poderíamos utilizar para substituí-la?

É momento de fazermos a leitura integral do conto, para os questionamentos que seguem:

8. Suas expectativas quanto ao suicídio se confirmaram?

9. São dadas várias versões para as motivações do suicídio. Relate-as e compare com situações similares, de várias versões para o mesmo fato, que você já tenha ouvido.

10. Releia o conto e aponte a motivação pela qual as personagens se encontram em frente ao edifício.

11. Pela resposta anterior, podemos afirmar que há empatia em algum dos presentes?



12. Volte ao texto e aponte a reação das pessoas ante o suicídio que não ocorre.

13. Percebemos no conto que apenas uma personagem se sente realizada. Quem é e por qual razão?

14. Todos os presentes não deveriam estar felizes por ninguém ter tirado a vida? Qual deveria ser a reação das pessoas diante de um fato como esse?

Ampliando a  
conversa

15. Qual seria sua reação se estivesse lá (lembre-se de que o suposto suicida poderia ser uma pessoa muito próxima a você)?

16. Identifique e transcreva situações em que há pensamentos preconceituosos do protagonista.

17. Explique o sentido das expressões "eu sofro um trem", "quebraria o galho" e "cinco em ciminha da pinta" no contexto do conto.

## Sintetizando a conversa



### Síntese do conto:

Ao notar uma aglomeração em frente ao edifício mais alto da praça, o narrador questiona sobre a motivação, ao que lhe respondem que um sujeito se suicidaria. De acordo com uma personagem, retratado como um magrinho de gravata, o suposto suicida, sem se identificar, ligara a uma rádio afirmando que saltaria daquele edifício exatamente às dezessete horas. Várias conjecturas são formuladas a respeito da identidade e da motivação do suicida. Enquanto isso, o número de pessoas aumentava. Alguns vinham especialmente para ver. Outros, como o narrador, ao acaso viam a aglomeração e o motivo e ali permaneciam. O vendedor de bilhetes de loteria “estava tão empolgado com a coisa” que nem lembrava de oferecer o bilhete. O magrinho está preocupado. E se um cliente o chamasse exatamente na hora em que o suicida saltasse? A personagem “velho” se impacienta, espera que o suicídio não atrase. Questiona se alguém já vira alguém se suicidar pulando de um edifício. Ante a resposta negativa, dá um sorriso de satisfação e conta como já presenciara tal cena. À medida que a fatídica hora se aproxima, mais versões para explicar a motivação do suicida surgem. De repente, uma agitação. Alguns apontam para o alto do edifício como se o suicida estivesse lá, todos tentam localizá-lo. “Mas, era só gozação”. Dois estudantes discutem se realmente haveria suicídio, quando um deles grita: “Olha lá!”. Desta vez, havia mesmo um sujeito sozinho na última janela do edifício. Não havia mais dúvidas. Coloca uma perna para fora da janela, toda a praça em absoluto silêncio, momento de máxima tensão. Quando o sujeito coloca a outra perna para fora, suspense geral. Alçam-lhe um balde: era um pedreiro. Sucede-se um “ahh”, de decepção, vaias, assovios e houve até os que xingassem o pedreiro. A impaciência e a decepção aumentam, em especial do velho, que sugere cadeia ou violência policial contra o sujeito que se suicidaria, afinal, perdera meia hora! O único que demonstra satisfação entre os presentes é um dos estudantes que apostara uma cerveja afirmando que não haveria suicídio. E ninguém se suicida.



## Produzindo

- Elabore um breve resumo do conto, buscando refletir sobre a estrutura narrativa: situação inicial, conflito, clímax e desfecho.



## MÓDULO 4: UMA VELA PARA DARIO, DE DALTON TREVISAN



Carga horária: 05 horas/aula

Material: Cópia do conto *Uma vela para Dario*,  
de Dalton Trevisan

## Começando a conversa

Você já ouviu falar em "hipermetropia moral"? De acordo com um autor chamado Peters\* (2016), esse fenômeno ocorre quando damos demasiada atenção a cenas de sofrimentos globais, distantes de nós e não percebemos as aflições imediatas, totalmente descortinadas à nossa frente. Neste módulo, refletiremos sobre esse aspecto da insensibilidade humana.

### Questionamentos orais antes da leitura:

1. O que o título sugere?
2. Em que situações costumamos usar velas?
3. Quais as principais características do gênero conto?



Agora, faça a leitura do primeiro parágrafo, para ter condições de compreender a situação inicial da narrativa. Em seguida, responda às seguintes questões:

4. Quais suas previsões acerca da personagem, conflito e desfecho?
5. De que forma o parágrafo lido se relaciona ao título?
6. Por qual motivo Dario vem apressado e diminui o passo até parar?
7. Você supõe que os objetos, cachimbo e guarda-chuva, terão alguma importância no decorrer do conto?

Professor(a), antes da leitura, reforçamos a pertinência de alguns dos encaminhamentos propostos por Isabel Solé (2014), como os objetivos de leitura, a ativação do conhecimento prévio, estabelecer previsões sobre o texto, além de promover um momento de perguntas dos alunos em relação ao texto.

Nosso objetivo principal de leitura, como já expusemos anteriormente, é analisar como a temática da insensibilidade é construída no decorrer da narrativa, de que forma narrador e personagens contribuem para este “efeito único” do conto, tal qual proposto por Poe. Para ativar o conhecimento prévio, podemos retomar os contos anteriormente lidos, refletindo como o tema da indiferença foi abordado. Além disso, o título e o gênero são excelentes maneiras de formular previsões acerca do que será lido.



## Continuando a conversa

### Durante e após a leitura:

Você sabia que durante a leitura nossas previsões podem ser confirmadas ou refutadas? Caso não correspondam ao que imaginávamos, nós as substituímos por outras, que novamente serão “testadas” à medida que a leitura avança.

Faça a leitura integral do conto para, depois, responder aos seguintes questionamentos:

\*Gabriel Peters é professor do departamento de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

8. Descreva as características físicas ou psicológicas das personagens.
9. Por que razão as personagens, com exceção de Dario, não possuem nomes próprios?
10. No decorrer do conto, os pertences de Dario, um a um, vão desaparecendo. Quais são esses pertences? O que acontece com eles?
11. Qual importância de o narrador afirmar que a aliança só podia ser retirada por Dario umedecida com um sabonete?
12. Dentre as personagens do conto, apenas duas demonstram atitude de empatia com Dario. Quem são e que ações realizam?
13. Percebemos que o sofrimento alheio é retratado como um espetáculo. Isso é demonstrado no fragmento "Ocupado o café próximo pelas pessoas que vieram apreciar o incidente. E agora, comendo e bebendo, gozavam as delícias da noite". O que você entende por "apreciar o incidente"? Qual sua opinião em relação ao que as pessoas fazem neste fragmento do conto, após Dario ser largado à porta da peixaria?
14. Descreva o episódio do táxi e da farmácia. O que você pensa sobre a atitude das pessoas que carregam Dario e sobre a atitude do taxista?

*"Um grupo o arrasta para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagará a corrida? Concordam chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede não tem os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata. Alguém informa da farmácia na outra rua. Não carregam Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito peso. É largado na porta de uma peixaria."*

## Ampliando a conversa

Diariamente, acompanhamos na televisão, jornais e internet o que se denomina "espetacularização da tragédia", em que o sofrimento alheio, mortes, catástrofes e demais eventos trágicos são explorados para aumentar a audiência desses veículos de comunicação. Fora desses meios, muitos seres humanos também são atraídos por cenas em que o semelhante é vítima de adversidades, não por empatia, mas porque lhes parece um espetáculo que merece ser "curtido". Sobre isso, responda às duas questões que seguem:

15. Aponte as semelhanças quanto às atitudes das pessoas ante o “espetáculo” de Dario e as do conto *O suicida*, lido no módulo anterior.

16. Faça um paralelo entre as intenções das pessoas que se aglomeram próximas a Dario com as que se reúnem próximas ao edifício no conto *O suicida*.

## Sintetizando a conversa

### Síntese do conto:



Dario caminha apressadamente pela rua, carregando um guarda-chuva, passa mal, encosta-se à parede de uma casa, escorrega por ela até o chão, deixando cair seu cachimbo. Algumas pessoas se aproximam, indagam se não está bem. Uma personagem, o senhor gordo, sugere que sofrera um ataque. As pessoas começam a se aglomerar em torno de Dario; guarda-chuva e cachimbo já não se encontram mais ao lado do protagonista. Após uma personagem sugerir que Dario está morrendo, alguns carregam-no para um táxi. No entanto, o taxista questiona: quem pagaria a corrida? Tentam carregá-lo para uma farmácia, mas é muito pesado. Largam-no à porta de uma peixaria onde um enxame de moscas cobre seu rosto. Num café próximo, as pessoas que vieram “apreciar o incidente” agora comem, bebem e aproveitam a noite. A polícia chega e mais de duzentos curiosos correm, pisoteando o corpo de Dario dezessete vezes.

Seus pertences, um a um, roubados: o relógio de pulso, documentos, o paletó que um senhor piedoso colocara para sustentar a cabeça e a aliança, que Dario só conseguia destacar umedecida com sabonete. Dario é agora “apenas um homem morto”. A multidão se espalha. Na janela, alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos. Um menino “de cor” e descalço traz uma vela e acende ao lado do cadáver. As janelas se fecham. Após três horas, o rabeção ainda não chegara e a vela se apaga com a chuva, que volta a cair.



## Produzindo

- Imagine-se na posição de um narrador personagem, você agora é Dario. Reescreva o conto sob sua perspectiva, desde o momento em que você caminha apressadamente pela rua, até a espera pelo rabeção. Reflita: quais seus sentimentos em relação às pessoas que tomam seus pertences ou se mostram indiferentes a seu sofrimento?



MÓDULO 5:  
COLINAS COMO  
ELEFANTES BRANCOS,  
DE ERNEST HEMINGWAY



Carga horária: 05 horas/aula

Material: Cópia do conto *Colinas como elefantes brancos*,  
de Ernest Hemingway

Link para a leitura integral do conto:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4933022/mod\\_resource/content/1/Hemingway.Colinas%20como%20elefantes%20brancos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4933022/mod_resource/content/1/Hemingway.Colinas%20como%20elefantes%20brancos.pdf)

## Começando a conversa

Neste conto de Hemingway praticamente não há ação. A trama é simples, no entanto, extremamente significativa: leva o leitor a refletir sobre situações cotidianas e suas motivações.

### Encaminhamentos antes da leitura:

É a hora de fazermos algumas antecipações a respeito do conto em questão. Vamos lá?



1. De que forma você considera que o título se relaciona com a história?
2. De que maneira colinas poderiam parecer elefantes brancos?
3. Pela leitura dos contos anteriores, o que podemos afirmar quanto aos personagens, espaço e tempo deste gênero?

Vamos tentar fazer mais previsões a respeito do conto? Para isso, faremos a leitura do primeiro parágrafo.

4. O parágrafo é predominantemente narrativo ou descritivo? Comente.
5. O que você presume que o americano e a moça estejam fazendo na Espanha?
6. Você considera que o calor citado neste fragmento terá importância na narrativa?



## Continuando a conversa

Passaremos, agora, à leitura integral e silenciosa do conto. Atente-se à relação entre o título e a história narrada e não se esqueça de perceber como o tema da indiferença é abordado no conto.



### Durante e após a leitura:

7. Podemos afirmar que os elementos do conto (personagens, tempo e espaço) são restritos? Justifique.
8. Qual é a causa do desentendimento entre os protagonistas no conto?
9. Você acha que o homem realmente ama a moça? O que o leva a esta conclusão?
10. Em vários momentos, o homem faz afirmações como “Não quero que você faça nada que você não queira fazer”. As atitudes dele condizem com o que ele afirma?
11. Você acha que a moça concorda em fazer a “operação” proposta? O que o leva a acreditar nisso?
12. Qual o efeito pretendido pelo narrador com a repetição no seguinte trecho: “Você pode parar de falar, por favor, por favor, por favor”? Cite exemplos de momentos em que costumamos utilizar a reiteração.
13. Qual a condição social das personagens? Comprove com fragmentos do texto.
14. De que modo o narrador demonstra a insensibilidade do homem na narrativa?

*“Mas se eu fizer você vai ficar feliz e as coisas vão ser como eram e você vai me amar?”*

*“Eu amo você agora mesmo. Você sabe que eu amo.”*

*“Eu sei. Mas se eu fizer vai voltar a ser bom quando eu digo que as coisas parecem elefantes brancos, você vai gostar?”*

Professor(a), recomendamos, inicialmente, uma leitura silenciosa por parte dos alunos. Num segundo momento, selecionar três alunos para realizar a leitura dramática. Em seguida, questionar sobre as previsões realizadas. Possivelmente os alunos questionem sobre a relação do título com a história narrada. Além disso, é possível que numa primeira leitura alguns não se tenham dado conta à qual “operação” as personagens se referem. É fundamental, nesta etapa, que o professor auxilie os alunos a construir sua compreensão, estimulando perguntas e verificando lacunas de compreensão. Numa segunda leitura, que poderá ser realizada coletivamente, lembrar aos alunos que o objetivo principal, além da compreensão global, é perceber como o tema da indiferença é abordado no conto.

## Ampliando a conversa

15. Em dois dos contos lidos nesta U.D., há uma relação de proximidade entre as personagens. Em *Amanhã eu volto*, o neto e sua avó. Em *Colinas como elefantes brancos*, há um casal. Em *O monstro*, *O suicida* e *Uma vela para Dario* há apenas um encontro fortuito entre as personagens. Na sua opinião, os laços afetivos (ou o rompimento destes) aumentam a impressão de insensibilidade? Comente.

## Sintetizando a conversa

### Síntese do conto:



Um jovem casal aguarda na estação o trem que segue para Madri. Está muito quente e bebem cervejas. Da estação, a moça compara a linha de colinas, brancas sob o sol, a elefantes brancos. Segue um diálogo entre os dois, em que o homem sugere à moça que realize um aborto e ela se mostra reticente, mas não quer perder o suposto amor do seu amante. Em sua análise sobre este conto, Harold Bloom (2001, p.42) afirma que “O conto registra o momento da capitulação da mulher, e, provavelmente, do fim do relacionamento dos dois.



E isso é tudo. O diálogo deixa claro que a mulher é responsável e digna, enquanto o homem é de um bom-senso vazio, além de egoísta e frio. O leitor fica inteiramente do lado da jovem, quando esta, em resposta à afirmação do homem — “Eu faria qualquer coisa por você” —, diz: “Você quer, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, parar de falar”. Sete vezes “por favor” é demais; porém, como figura de repetição, as palavras são aqui precisas e convincentes”.

## Produzindo

**PROPOSTA 1:** O conto apresenta um final aberto, ou seja, que convida o leitor a imaginar as possibilidades de continuação. Produza uma continuação para este conto.

**PROPOSTA 2:** Que tal aproveitarmos o fato de que o conto se baseia, fundamentalmente, na conversa entre o casal e dramatizarmos essa narrativa?

### Adaptação dramática do conto *Colinas como elefantes brancos*, de Ernest Hemingway

Personagens: **Moça (M);**  
**Homem (H);**  
**Garçonete (G).**

*Um homem e uma moça, sentados numa mesa, esperam o trem. Faz muito calor. Há duas malas de viagem próximas aos dois. Uma garçonete está atrás do balcão de bebidas. Há colinas longas e brancas que se veem do outro lado do vale (que podem ser desenhadas em papel kraft ou projetadas em um multimídia ou em um televisor). Considerando o fato de que os atores são adolescentes, as bebidas alcoólicas deverão ser substituídas por outras bebidas de coloração similar).*

*(A moça tira o chapéu, põe-no sobre a mesa, dirige-se ao homem).*

M - O que vamos beber?

H- Está bem quente!

M - Vamos beber cerveja.

H – *(Dirigindo-se à garçonete)* Duas cervejas!

G – *(Pergunta, sem grande interesse, por detrás do balcão)* Grandes?

H - Sim. Duas grandes.

*(A garçonete traz dois copos de cerveja e dois apoios de feltro. Põe os apoios de feltro e os copos de cerveja sobre a mesa e olha para o homem e a moça. A moça olha para a linha de colinas. São brancas sob o sol e a região é parda e seca).*

M - Parecem elefantes brancos.

H- *(Bebendo a cerveja)* Nunca vi um.

M - Não, não teria como.

H - Eu poderia ter visto. Você dizer que eu não teria como não prova nada.

*(A mulher olha para a imagem de uma bebida)* Que bebida é aquela?

H - Se chama Anís del Toro.

M - Podemos provar?

*(O homem chama a garçonete).*

H - Queremos Anís del Toro.

G - Com água?

H- *(O homem, dirigindo-se à mulher)* Você quer com água?

M - Não sei, será que fica bom com água?

H - Fica, sim.

G - Vocês querem com água?

H - Sim, com água.

M - *(Bebe um gole e baixa o copo)* Tem gosto de alcaçuz.

H - É sempre assim.

M -É! Tudo tem gosto de alcaçuz. Especialmente aquelas coisas que você esperou por muito tempo, que nem absinto.

H - Ah, pare com isso.

M - Foi você que começou. Eu estava adorando. Foi um bom momento.

H - Bem, vamos tentar ter um bom momento.

M - Tudo bem. Eu estava tentando. Disse que as colinas parecem elefantes brancos. Não é brilhante?

H - É brilhante.

M - Eu queria provar essa bebida nova: nós não fazemos outra coisa, não é? Olhar para as coisas e provar bebidas novas.

H - Acho que sim.

*(A moça olha novamente para as colinas).*

M - As colinas são lindas. Na verdade, não parecem elefantes brancos. Quero dizer, só a pele vista entre as árvores.

H - Bebemos mais uma?

M - Está bem.

H - A cerveja está boa e gelada.

M - Está ótima.

H - É uma operação muito simples mesmo, Jig. Nem é uma operação de verdade.

*(A moça, triste, olha para o chão).*



H - Eu sabia que você iria concordar, Jig. Não é nada mesmo. É só deixar o ar entrar.  
(*A moça, cabisbaixa, não diz nada*).

H- Vou junto e vou ficar com você o tempo todo. Eles só deixam o ar entrar e então é tudo completamente natural.

M -E o que nós fazemos depois?

H -Vamos ficar bem depois. Como antes.

M - Como é que você sabe?

H - Essa é a única coisa que atrapalha. É a única coisa que nos deixa infelizes.  
(*A moça, com um olhar 'distante'*).

M - E você acha que depois nós vamos ficar bem e vamos ser felizes?

H - Tenho certeza. Não precisa ter medo. Conheço muita gente que já fez.

M – (*Melancólica*) Eu também. E depois foram todos muito felizes.

H – Bem, se não quiser, você não precisa fazer. Eu não forçaria você se você não quisesse fazer. Mas sei que é muito simples.

M - E você quer mesmo?

H -Acho que é a melhor coisa a fazer. Mas não quero que você faça se você não quiser mesmo.

M – Mas se eu fizer você vai ficar feliz e as coisas vão ser como eram e você vai me amar?

H - Eu amo você agora mesmo. Você sabe que eu amo.

M - Eu sei. Mas se eu fizer vai voltar a ser bom quando eu digo que as coisas parecem elefantes brancos, você vai gostar?

H – Vou adorar. Eu adoro agora mesmo, só não consigo pensar nisso. Você sabe como sou quando fico preocupado.

M - Se eu fizer você não vai ficar preocupado?

H- Não vou ficar preocupado porque é tudo muito simples.

M - Então eu faço. Porque eu não me importo comigo.

H - Como assim?

M - Eu não me importo comigo.

H - Bem, eu me importo com você.

M - Ah, sei. Mas eu não me importo comigo. E vou fazer e tudo vai ficar bem.

H - Não quero que você faça se é isso que você sente.

(*A moça olha atentamente para a imagem das colinas, para o alto e para os lados*).

M - E nós poderíamos ter tudo isso. E nós poderíamos ter tudo e todo dia fazer coisas ainda mais impossíveis.

H - O que você disse?

M - Disse que nós poderíamos ter tudo.

H - Nós podemos ter tudo.

M - Não, não podemos.

H - Podemos ter o mundo todo.

M - Não, não podemos.

H - Podemos ir para qualquer lugar.

M - Não, não podemos. Já não é nosso.

H - É nosso.

M - *(Caminha e fica de costas para o homem)*. Não, não é. E depois que tiram, você nunca mais pega de volta.

H - Mas ninguém tirou nada. Vamos ver. Volte aqui para a sombra. Não se sinta assim.

M - Não estou sentindo nada. É só que eu sei.

H - Não quero que você faça nada que você não queira fazer...

M - Não é que não seja bom para mim. Eu sei. Vamos beber outra cerveja?

H - Está bem. Mas você tem que entender...

M - Eu entendo. Será que não podemos parar de falar?

*(Sentam-se à mesa e a moça olha para as colinas e o homem olha para ela e para a mesa)*.

H - Você tem que entender que eu não quero que você faça se você não quiser fazer. Estou perfeitamente disposto a seguir adiante se isso fizer diferença para você.

M - Não faz diferença para você? Podíamos seguir adiante.

H - É claro que faz. Mas eu não quero ninguém além de você. Não quero mais ninguém. E sei que é tudo muito simples.

M - *(Com ironia)* É, você sabe que tudo é muito simples.

H - Você pode muito bem falar assim, mas eu sei como é.

M - Você faria uma coisa por mim?

H - Faria qualquer coisa por você.

M - Você pode parar de falar, por favor, por favor, por favor?

*(O homem não diz nada, mas olha para as malas)*.

H - Mas eu não quero que você faça. Eu não me importo com nada.

M - Eu vou gritar.



*(A garçonete se aproxima com dois copos de cerveja e os deposita sobre os apoios de feltro úmidos).*

G - O trem chega em cinco minutos.

M – O que ela disse?

H - Que o trem chega em cinco minutos.

*(A moça dá um sorriso radiante para a garçonete, para agradecer).*

H - Acho melhor levar as malas para o outro lado da estação.

M – *(Sorrindo para o homem)* Está bem. Depois volte e terminamos a cerveja.

*(Ele pega as duas malas pesadas e carrega-as até o outro lado. Espreita, mas não consegue ver o trem. Voltando, ela continua sentada à mesa e sorri para ele).*

H - Está se sentindo melhor?

M - Estou bem. Não tem nada de errado comigo. Estou bem.



## MÓDULO 6: ANGÚSTIA, DE ANTON TCHEKHOV



Carga horária: 05 horas/aula  
Material: Cópia do conto *Angústia*,  
de Anton Tchekhov

Link para a leitura integral do conto:

<http://www.consciencia.org/angustia-conto-de-anton-tchekhov>

Link alternativo: <https://pdfcoffee.com/angustia-conto-de-anton-tchekhov-pdf-free.html>

## Começando a conversa

Chegamos ao último módulo e perfizemos um caminho que nos proporcionou maior clareza quanto às características do conto enquanto gênero narrativo. Além disso, ampliamos nossas reflexões acerca do tema central que perpassa todos os textos desta unidade didática: a insensibilidade.

Com este conto não será diferente! Você está sendo convidado a desenvolver uma atitude de empatia, colocando-se no lugar do próximo, tornando-o visível e aprendendo a cuidar dele.

Para isso, reflita sobre o título e leia o parágrafo inicial para pensar nos seguintes questionamentos:



### Encaminhamentos antes da leitura:

1. Qual o espaço retratado no conto? De que forma você pensa que ele contribuirá para o desenvolvimento narrativo?
2. Pelo nome da personagem, levante hipóteses sobre o país em que o conto é ambientado.
3. Que elementos deste parágrafo nos permitem inferir não se tratar de um conto deste século?
4. Podemos afirmar que o narrador é onisciente? Comente.
5. Você concorda com o narrador que, para o cavalo, o arado seria preferível às luzes e barulho incessante da cidade?
6. Personificação ou antropomorfização se refere à figura de linguagem em que atribuímos ações, caracteres, atitudes, comportamentos, afetos, sentimentos, emoções ou pensamentos humanos a outros animais. A figura inversa se chama zoomorfização, ou seja, é uma figura de linguagem em que atribuímos ações, caracteres, sentimentos, emoções ou pensamentos dos outros animais a humanos que se distanciam do que consideramos ou devemos considerar como ações, caracteres, atitudes, comportamentos, afetos. Descreva como a personificação é usada neste trecho.
7. Qual será a relação do título com o restante da história?



## Continuando a conversa

### Durante e após a leitura:

Você realizará essa primeira leitura de forma individual e silenciosa, para conseguir ter suas primeiras experiências sobre o conto. Assim, caso você encontre trechos que chamem a atenção, choquem ou emocionem, poderá reler, recuperar conhecimentos e estabelecer sentidos. Se, também, você encontrar palavras que lhe revelem dificuldades, procure inferir o sentido delas pelo contexto. Mesmo não sabendo o que significa a palavra rocim, a comparação que se faz na sequência permite inferir se tratar de um cavalo, por compará-lo a um cavalinho de pão-de-ló ou pela referência ao arado. Caso não seja possível realizar a compreensão pelo contexto, você deve seguir a leitura, a menos que a palavra se repita muitas vezes no texto ou impossibilite a compreensão global.

Para conhecer ainda mais sobre a estrutura do gênero e auxiliar na compreensão dos sentidos expressos neste conto, responda aos questionamentos que seguem:

1. TÍTULO: O que o título sugere? Como ele se relaciona com o resto da história?
2. INÍCIO: Qual a função do início? Existe uma relação entre o início e o final do conto?
3. NARRADOR: A partir de que perspectiva é narrado?
4. PERSONAGENS: Quem são as personagens? Há contradição entre pensamentos e ações?
5. LINGUAGEM: Como é a linguagem da história? Há uso recorrente de metáforas depreciativas?
6. ESPAÇO: Onde acontece a história? Qual a importância do espaço e dos objetos?
7. TEMPO: Quando a história acontece? Qual é a sequência dos eventos narrados? Tempo cronológico e psicológico coincidem?

Professor(a), na releitura, que pode ser realizada coletivamente, é importante verificar a compreensão dos alunos com relação às palavras menos usuais, demonstrando as estratégias que podem ser utilizadas, para que o aluno, paulatinamente, possa se assumir como um leitor ativo. Para facilitar o reconhecimento da especificidade narrativa do presente texto, ter uma visão global e compreender melhor sua estrutura, propomos, ao lado, alguns questionamentos recomendados por Lauro Zavala (1954 - ), professor universitário mexicano, conhecido por seus estudos acerca do conto.

8. GÊNERO: A que gênero pertence o texto? Qual sua estrutura?
9. INTERTEXTUALIDADE: Que relações intertextuais existem no texto?
10. FINAL: O final é epifânico? Qual a importância do final nessa história?



## Ampliando a conversa

Para ampliar a percepção sobre os sentidos do conto e de como a insensibilidade é abordada, pensemos nas seguintes questões:

11. O título se relaciona de que forma ao tema do conto?
12. De que modo Iona Potapov é tratado pelas demais pessoas? Por que ele recebe este tratamento?
13. Podemos comparar a discriminação social sofrida pelo protagonista com a sociedade brasileira atual? Justifique.
14. Apesar de todos os maus tratos, Iona não se queixa. Seu único desejo é afastar a angústia que o consome. Descreva a reação das demais personagens quando o protagonista tenta relatar sobre o filho que morrerá.
15. Por que o dinheiro que receberia não interessa a Iona e ele decide ir para casa?
16. Em que sentido o final do conto é profundamente irônico?
17. De que forma a perífrase *A quem confiar minha tristeza* se relaciona ao conto?

*A quem confiar minha tristeza?*



## Sintetizando a conversa

### Síntese do conto:



Ao anoitecer, o cocheiro Iona Potapov e seu cavalo aguardam, cobertos de neve, um cliente. O primeiro, um militar, chega questionando se Iona está dormindo. Este puxa as rédeas, faz um ruído com os lábios e o cavalo sai se deslocando com indecisão, provocando reações rancorosas do militar, de transeuntes e de outro cocheiro. Após um gracejo do militar sobre os incidentes, Iona tenta dizer algo, mas apenas sons indecifráveis lhe saem da garganta. Questionado pelo militar, responde que perdera um filho naquela semana. O militar pede o motivo da morte, mas não tem tempo nem disposição para ouvir o relato. Os próximos passageiros, três jovens, oferecem muito menos do que o adequado para a corrida, mas a Iona isso agora não interessa. Os jovens proferem insultos contra o cocheiro. Quando há uma pausa nas falas, balbucia sobre a morte do filho, ao que um responde que todos irão morrer. Seguem mais insultos. Quando tenta novamente falar sobre o filho, chegam ao destino e a solidão se abate sobre Iona. Tenta travar conversa com um zelador, mas é destrutado. O cocheiro considera inútil dirigir-se às pessoas, resolve ir para casa. Fala da morte do filho a um jovem cocheiro. Quando tenta ver a reação deste, percebe que já cobriu a cabeça e está dormindo. Iona sente a necessidade de falar com alguém. Passada uma semana e ainda ninguém o ouvira sobre como o filho adoeceu, padeceu, o que disse antes de falecer. Vai ver o cavalo e inicia o relato da morte do filho a ele. O cavalo, enquanto mastiga, ouve Iona, que se anima e conta-lhe tudo.



## Produzindo

1. Imagine que você está travando um diálogo com Iona, colocando-se no lugar de alguma das personagens: o militar, os jovens, o zelador e o outro cocheiro. Reproduza este diálogo em seu caderno.
2. Reescreva o conto pela perspectiva do cavalo enquanto narrador personagem.



## Produção Final

Após a leitura e análise dos seis contos constantes nos módulos, esperamos que você, aluno(a), tenha aprimorado os conhecimentos acerca da estrutura do conto e, além disso, repensado a temática da insensibilidade a partir do que as atividades buscaram evidenciar.

Como forma de finalizar esse percurso que envolveu leitura e análise dos contos, agora é a sua vez de escrever! O tema deve se relacionar à insensibilidade humana. Faça o leitor refletir sobre este tema. Como você produzirá um conto, lembre-se de que neste gênero o espaço e o tempo são restritos e não comporta muitas personagens. Não os descreva exaustivamente, faça que o leitor, a partir das ações deles, tire as próprias conclusões.



## Considerações e sugestões

Os encaminhamentos que propusemos no decorrer desta Unidade Didática não se pretendem conclusivos, fechados. São o resultado de discussões teóricas e metodológicas realizadas nas disciplinas do PROFLETRAS e com a orientadora desta proposta, Prof<sup>a</sup>. Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira. As leituras e atividades propostas podem ser readequadas conforme as realidades de cada turma de nono ano do Ensino Fundamental. Ademais, com algumas adaptações, sua utilização em outras turmas do Ensino Fundamental ou Médio também é possível.

A escolha do gênero não foi aleatória. Em primeiro lugar, um gênero que possibilita a leitura integral em sala de aula. Em seguida, o efeito único defendido por Poe, a insensibilidade, no caso desta pesquisa, seria certamente diluído se a opção fosse por um gênero mais longo.

Quanto à escolha da temática, a insensibilidade, é um constructo sociocultural, não está na essência humana. Se as lutas dos gladiadores até a morte nas arenas romanas, ou a escravidão no Brasil no período colonial nos parecem injustificáveis, não o eram na época em que ocorreram. Nesse sentido, nossa intenção ao trazer contos com tal tônica, além de atividades relacionadas a estes, é demonstrar aos alunos que ela existe e que este outro, que parece sempre distante, pode ser alguém que nos é querido, próximo.

Tal qual os finais dos contos modernos, à Tchekhov, as proposições desta U.D. se pretendem abertas. Os contos escolhidos ou os encaminhamentos podem ser ampliados de acordo com a percepção e leituras do professor. As personagens (alunos), longe de serem planas, são seres complexos, muitas vezes contraditórios, construídos a partir de seus conflitos pessoais em espaços (salas) heterogêneos, em que as epifanias, ainda que modestas, vão ocorrendo no processo.

# Referências

- BLOOM, H. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CORBARI, C. C.; OLIVEIRA, V. B. M.; SELLA, A. F. **Ação, personagem, espaço e tempo: do texto ao verbo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HEMINGWAY, E. Colinas como elefantes brancos. **Edisciplinas**. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4933022/mod\\_resource/content/1/Hemingway.Colinas%20como%20elefantes%20brancos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4933022/mod_resource/content/1/Hemingway.Colinas%20como%20elefantes%20brancos.pdf). Acesso em: 6 dez. 2022.
- ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed.34, 1999.
- JAUSS, H. R. **A estética da recepção: colocações gerais**. In. Lima, L. C. (ORG.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JAUSS, H. R. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In. Lima, L. C. (ORG.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MOISÉS, M. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- PETERS, G. O próximo distante: dilemas éticos na era do sofrimento como espetáculo. **Escuta**. [S.l.] 2016. Disponível em: <https://revistaescuta.wordpress.com/2016/06/30/o-proximo-distante-dilemas-eticos-na-era-do-sofrimento-como-espetaculo/>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- TCHEKHOV, A, P. **A dama do cachorrinho e outros contos**. Organização, tradução, posfácio e notas de Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed.34,1999.
- TREVISAN, D. **Primeiro livro de contos**. Rio de Janeiro: Record, 1979
- VILELA, L. **Sofia e outros contos**. São Paulo: Saraiva, 2010.
- VILELA, L. **Chuva e outros contos**. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.
- ZAVALA, L. **Cartografías del cuento y la minificción**. Sevilla: Renacimiento, 2004.